



CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS SOBRE FALANTES DE ESPANHOL ARGENTINO EM REGIÃO DE FRONTEIRA

BELIEFS AND LINGUISTIC ATTITUDES ABOUT ARGENTINE SPANISH SPEAKERS IN BORDER REGION

Vanessa Raini de Santana¹

Aparecida Feola Sella²

Sanimar Busse³

RESUMO: Relata-se pesquisa sobre indícios de crenças e atitudes baseadas na noção que um indivíduo apresenta sobre línguas sob avaliação. Sendo assim, e partindo da análise de uma das questões produzidas no interior do “Projeto de Pesquisa Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” na cidade de Foz do Iguaçu, objetiva-se, com a realização deste trabalho, uma verificação de como se dá a produção de crenças dos informantes quanto a falantes de espanhol argentino. Busca-se amparo teórico em López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004). A questão selecionada nos inquéritos de Foz do Iguaçu diz respeito ao posicionamento dos informantes quanto a “quem fala melhor, dentre as línguas faladas na cidade e na região de fronteira”. Buscou-se identificar as crenças que guiaram os informantes nas suas respostas e os levaram a declarar que o espanhol argentino é o melhor. Além disso, o trabalho também tem por objetivo relacionar essa avaliação às respostas produzidas quanto às outras línguas, no intuito de identificar diferentes crenças quanto a uma e outra língua.

PALAVRAS-CHAVE: crenças, atitudes linguísticas, espanhol argentino.

ABSTRACT: We report a research about beliefs and attitudes based on the notion that a person has about languages under evaluation. Therefore, and starting from an analysis of issues arising within the “Projeto de Pesquisa Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” in the city of Foz do Iguaçu, the objective of this work is to check how the beliefs of the informants and the speakers of Argentine Spanish are produced. This work is supported theoretically by López Morales

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – e bolsista da CAPES. E-mail: vanessa_r_santana@hotmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: afsella1@yahoo.com.br

³ Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: sani_mar@yahoo.com.br



(1993), Moreno Fernández (1998) and Blanco Canales (2004). The question selected regards the informant positioning about the “best speaker among the languages spoken in the city and in the border region.” We tried to identify the beliefs that guided the informants in their responses and led them to declare that the Argentine Spanish is the best. In addition, the paper also aims to relate this assessment to the responses produced for other languages in order to identify different beliefs from one to another language.

KEY WORDS: beliefs, linguistic attitudes, Argentine Spanish.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, busca-se apresentar algumas crenças e atitudes linguísticas de informantes da cidade de Foz do Iguaçu sobre falantes do espanhol argentino. Este trabalho com as crenças e atitudes tem por objetivo apontar posicionamentos desses informantes relativamente às línguas com as quais estão em contato nessa região de fronteira e avaliar qual o grau de envolvimento do informante na análise dos motivos que o faz selecionar essa língua como a melhor, enquanto apresenta contato com tantas outras.

O mapeamento de crenças e atitudes linguísticas possibilita a verificação de como se dá o relacionamento de um falante de língua portuguesa com os demais falantes que convivem diariamente na região de Foz do Iguaçu que, além de fazer fronteira com países falantes de outras línguas, também possui uma série de falantes de línguas que se distanciam do português por conta de relações comerciais ou mesmo de turismo.

Para a produção dessa análise, segue-se este roteiro: primeiro, apresentam-se algumas informações a respeito de crenças e atitudes linguísticas, como embasamento teórico; na sequência, aborda-se o histórico dos inquéritos produzidos no “Projeto de Pesquisa Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, do qual a questão avaliada nesta pesquisa foi retirada; e, por fim, avalia-se a questão “Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará⁴, quem fala melhor? Por quê?”, com enfoque à alta seleção do espanhol argentino como resposta.

⁴ Considera-se o jopará, conforme aponta Baz (2006, p. 08) como uma “variante do guarani em que convergem elementos do espanhol e do português”.



Espera-se, com a realização dessas etapas, produzir um trabalho que possibilite uma visualização de como pode ser construída a imagem do falante de determinada língua a partir de características que o informante julga importantes para tal descrição.

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

De acordo com Calvet (2002), a relação existente entre um falante e sua língua bem como a relação com suas variantes e com línguas diferentes interferem diretamente na maneira como esse falante utiliza a língua e na forma como vê outras línguas que não a sua própria. Ao relatar tal fato, o autor afirma que “existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento.” (CALVET, 2002, p. 65, grifo do autor).

A maneira como o falante de determinada língua a insere nas suas relações diárias com outros falantes se dá de acordo com a visão que ele tem sobre a língua, sobre si e sobre o outro. Esses aspectos transportam, para a interação com o outro, escolhas específicas para determinados contextos, com determinados fins, guiados por determinadas noções que o falante tem historicamente sobre o contexto em que está inserido.

A aceitação ou não de outra língua está diretamente relacionada com as crenças que os falantes têm sobre essas outras línguas e que, conseqüentemente, influenciam na decisão de afirmar se uma língua é bonita ou feia, fácil ou difícil de ser compreendida. A esse respeito, Aguilera (2008, p. 106) afirma que “a atitude lingüística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolingüística”. Dessa forma, verifica-se que na atitude lingüística de um informante podem ser identificados traços do seu posicionamento quanto a outras línguas ou seus falantes, de acordo com a sua visão sobre determinado fato lingüístico.

O estudo das atitudes lingüísticas geradas a partir de uma crença sobre outra língua ou sobre o falante dessa outra língua vem tomando lugar nas pesquisas sociolingüísticas



recentemente. Isso se deve, principalmente, ao fato de a investigação apontar para a forma como o falante de uma língua se porta diante de outra e os motivos que o fazem aceitar ou rejeitar determinado fato linguístico. As crenças permitem que se identifique, portanto, sua influência nas mudanças ou manutenções de aspectos linguísticos devido à forma como o falante recebe o que se diferencia da língua que ele utiliza. Conforme aponta Blanco Canales,

a análise de crenças e atitudes tem demonstrado ser crucial para a investigação sociolinguística, pelo que está sendo incorporado a diferentes trabalhos dentro desta disciplina. Problemas com a mudança linguística, situações de línguas e dialetos em contato, aprendizagem de segundas línguas, podem ser esclarecidos por meio de um estudo das atitudes dos falantes; os planejamentos linguísticos, sempre complexos, podem se beneficiar e ser instrumentos eficazes com a ajuda desse tipo de estudo (BLANCO CANALES, 2004, p. 79).

Ainda a esse respeito, Bisinoto declara que

a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos. (BISINOTO, 2007, p. 24).

Dessa forma, um estudo que vise a elencar e a analisar as crenças e atitudes linguísticas geradas pelos falantes a respeito de um fato linguístico pode balizar a existência de aceitação ou rejeição quanto a variantes de uma mesma língua ou quanto à convivência com outras línguas e até mesmo quanto aos falantes dessas línguas. Trata-se, portanto, de atitudes positivas ou negativas quanto ao fato sob avaliação. De maneira geral, é essa avaliação que o estudo desenvolvido neste artigo visa a discutir, principalmente quanto a esses aspectos de prestígio ou desprestígio, visões positivas ou negativas de uma língua. Justifica-se, portanto, a abordagem desse tema neste artigo pela necessidade de se mapear as crenças quanto a falantes das línguas que convivem na cidade de Foz do Iguaçu na fala de moradores da própria cidade e falantes de Língua Portuguesa.



UM BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se o banco de dados do “Projeto de Pesquisa Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, coordenado pela Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera e realizado no período de 2008 a 2009, numa parceria entre pesquisadores das Universidades Estaduais do Oeste do Paraná/Unioeste, de Londrina/UEL, de Ponta Grossa/UEPG e de Maringá/UEM.

O Projeto compreendeu a descrição e análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do português, em áreas de fronteira e contato linguístico no Paraná, nas localidades de Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Irati e Ponta Grossa.

Optou-se por trabalhar com inquéritos da cidade de Foz do Iguaçu, pois se avaliou que esse recorte de análise possibilita a avaliação de informantes de localidade inserida na região Oeste do Paraná, que apresenta dados característicos, inclusive, de região de fronteira.

Para maior elucidação da pesquisa, apresenta-se um breve histórico do Projeto: os inquéritos produzidos nessas cidades (18 em cada cidade, com exceção de Foz do Iguaçu, cujo porte exigiu que fossem realizados 36 inquéritos) compreenderam três níveis de escolaridade, três faixas etárias, bem como ambos os sexos. Esses inquéritos foram realizados, transcritos e revistos por membros da equipe do “Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas”, disponibilizado em forma de CD-ROM como um *corpus* a ser utilizado em pesquisas sobre falantes da região do Paraná. Os 36 inquéritos realizados na cidade de Foz do Iguaçu foram baseados em um questionário com 57 questões que envolvem aspectos relativos à língua do informante e outras que são direcionadas à verificação de como se constroem as crenças e atitudes linguísticas desses informantes.



ANÁLISE DA QUESTÃO SELECIONADA

Para a realização dessa análise, optou-se pela seleção das respostas dadas pelos informantes à pergunta de número 13 - “Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará, quem fala melhor? Por quê?”.

Nessa questão, pede-se “qual ou quais dessas línguas é a mais bem falada”. Dos 36 inquéritos realizados, 34 informantes responderam a essa questão e 8 línguas apareceram nas respostas, sendo que 7 informantes declararam não considerar nenhuma como a melhor ou que todas são importantes. Representa-se, a seguir, em forma de tabela, como estão dispostas as respostas produzidas pelos informantes:

Tabela 1. Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará, quem fala melhor? Por quê?

Resposta do informante	Número de ocorrências
Espanhol argentino	13
Espanhol	7
Espanhol paraguaio	2
Português	2
Guarani	1
Árabe	1
Japonês	1
Nenhuma língua	7
Não respondeu	2

A língua que apareceu como a melhor foi o espanhol argentino, com 13 citações, seguido do espanhol, com 7, o espanhol paraguaio e o português com duas cada, e o guarani, o árabe e o japonês, todos com apenas uma ocorrência. Partindo desses dados, portanto, apresentam-se na sequência as respostas de acordo com a frequência que cada



língua apareceu, além de se analisarem as justificativas apresentadas pelos informantes para a escolha de cada uma delas no que se refere à produção de crenças.

O espanhol argentino apareceu em 13 respostas como a língua mais bem falada. Considerando as 34 respostas obtidas nessa pergunta, isso representa aproximadamente 40% dos informantes, o que pode ser considerado uma frequência alta, dadas as opções de escolha que o informante tinha para essa resposta.

Desses 13 informantes que responderam que o espanhol argentino é a língua mais bem falada, 7 são do sexo masculino (M) e 6 do sexo feminino (F); 5 são da faixa etária entre 18 e 30 anos (GI), 3 da faixa etária entre 31 e 45 anos (GII) e 5 da faixa etária entre 46 e 65 anos (GIII); 5 têm nível de escolaridade fundamental (Ea), 3 têm nível de escolaridade médio (Eb) e 5 têm nível de escolaridade superior (Ec).

Apresentam-se, portanto, as respostas produzidas pelos informantes e destaca-se, dessas respostas, os vocábulos que podem ser considerados como demarcadores de crenças e atitudes linguísticas.

O informante 04 indica o espanhol argentino e explica que o jeito de falar dos argentinos o fez optar por essa língua como a melhor:

*Informante 04: Os argentinos falam **mais bonito**, eu acho **bonito** o jeito deles falar. (F GI Ea)*

Já o informante 07 demonstra ter conhecimento da língua que seleciona como a melhor, pois justifica as diferenças entre o espanhol argentino falado em regiões diferentes e posiciona-se quanto a isso demonstrando seu ponto de vista:

Informante 07: Acho que o espanhol argentino.

Inquiridor: Por quê?

*Informante 07: Ah, não sei, porque é a língua deles mesmo, né, e apesar que tem uma diferença do argentino portenho com o missioneiro. O portenho fala **mais pausadamente** e o missioneiro já mais aqui da fronteira, né, fala **mais rápido**.*

Inquiridor: Você então gosta mais do...?

Informante 07: Do missioneiro.



Inquiridor: O castelhano, o espanhol é mais do argentino, né...

Informante 07: Eu entendo mais, né, os outros já não... (M GII Ea)

Nessa resposta, percebe-se análise da situação de fronteira em que a forma de falar o espanhol está ligada às relações existentes entre as línguas faladas. Nessa relação do espanhol falado mais rapidamente e o espanhol mais pausado, com preferência pelo mais rápido, demonstra-se posicionamento do informante enquanto avaliador da língua que descreve.

É possível estabelecer relação entre essa escolha e o tipo de contato existente entre o informante e os falantes do espanhol. A sua proximidade com o falante do espanhol mais rápido pode fazer vê-lo diferentemente de outro que fala mais pausadamente, pelo fato de o contato não ser tão grande. Com a resposta desse informante, pode-se perceber que o contato existente entre o informante e falantes da língua que julgam ser a melhor é um dos fatores que influencia diretamente na escolha de uma ou outra língua como a melhor.

O informante seguinte, além de se posicionar quanto ao espanhol argentino, também apresenta justificativa para não escolher como a língua mais bem falada o espanhol paraguaio. Para ela, o critério de seleção escolhido foi a dificuldade ou não de se entender a língua em questão:

Informante 08: No caso, que dá pra entender?

Inquiridor: Não, assim, que você acha que fala melhor?

Informante 08: Acredito que o castelhano.

Inquiridor: Castelhano?

*Informante 08: Uma **forma melhor pra entender**.*

Inquiridor: E do, do, entre o castelhano paraguaio e argentino, tem?

Informante 08: O argentino.

Inquiridor: Você acha que é melhor. Por quê? Você acha que é melhor?

*Informante 08: Porque dá pra gente entender, **consegue entender melhor** o que eles falam.*

Inquiridor: E do castelhano paraguaio?

Informante 08: Não.



Inquiridor: Não, não gosta? Por quê? Você sabe me dizer?

*Informante 08: É, como é que eu vou te falar, é **difícil pra gente entender direito**, eles falam **muito rápido**, é **complicado pra entender**. (F GII Ea)*

Esse informante declara, portanto, que o espanhol argentino é mais fácil de entender e que, por isso, julga ser uma língua melhor entre as opções apresentadas na questão. Vale ressaltar a necessidade do informante de declarar que essa é uma língua mais fácil de se entender quando comparada ao espanhol falado pelo paraguaio. Verifica-se a comparação entre uma e outra língua com o objetivo de demarcar posicionamento desse informante em relação mais ao espanhol paraguaio do que ao argentino. Esse posicionamento contrário ao espanhol paraguaio ainda pode ser verificado na utilização da expressão “muito rápido” e do vocábulo “complicado”. Essa utilização demonstra que o informante tem uma visão diferenciada entre uma e outra língua que está pautada na maneira como os falantes dessas línguas a utilizam e não propriamente na língua.

O próximo informante também demonstra preferência relacionada com a proximidade das línguas. Isso o permite declarar que possui facilidade em entender o que os falantes de espanhol argentino dizem, como pode ser verificado na sua fala, transcrita a seguir:

*Informante 09: Olha, eu, pra mim, quem fala melhor é o espanhol falado pelos argentinos, né, que tenho **mais facilidade** de entender algo que eles falam. Já o paraguaio falando espanhol, ele fala **muito rápido** e a gente muitas vezes não entende tudo que eles falam e o guarani não entendo nada. (M GIII Ea)*

Assim como o informante anterior, o informante 09 ressalta a facilidade de entendimento da língua espanhola falada pelos argentinos em contraste com a língua falada pelos paraguaios, inserindo inclusive a língua guarani, e classificando-as como muito rápidas e difíceis de se entender em alguns momentos. Dessa forma, percebe-se que o informante 09 também usa esse recurso da comparação entre mais de uma língua para definir sua crença quanto a elas.



Na resposta seguinte, verifica-se que o informante 13, embora pareça confundir castelhano com guarani, também identifica no espanhol argentino maior clareza e facilidade de entendimento em comparação com a língua falada no Paraguai:

Informante 13: O espanhol

Inquiridor: De quem? Do argentino, paraguaios...?

Informante 13: Dos argentinos.

Inquiridor: Dos argentinos? Por que você acha que eles falam melhor?

*Informante 13: É que do paraguaio vem do castelhano, daí eles **misturam**, fica **meio enroladão**.*

Inquiridor: Mistura com quem?

*Informante 13: O castelhano com o espanhol assim fica **um negócio bem enrolado**, não dá pra entender. (M GI Eb)*

Como o inquiridor apresenta a opção entre o espanhol argentino e o paraguaio, o informante 13 vê a necessidade de justificar sua escolha entre um e outro. Dessa forma, a citação do espanhol paraguaio em boa parte das respostas dos informantes quando se justifica a escolha pelo argentino pode se relacionar a esse fato. O emprego do termo “enroladão” apresenta a visão do informante quanto à língua espanhola falada pelo paraguaio. Talvez esse informante esteja se referindo ao uso do jopará, ou mesmo aoportunhol. Esse “negócio bem enrolado”, resultado da mistura que acontece nessas línguas, pode ser visto pelo informante como uma língua distante do que é falado na Argentina e, por isso, ele opta por declarar que essa última é a língua que considera mais bem falada.

O informante número 15 também declara que o espanhol argentino é mais fácil de ser entendido e, por isso, o classifica como melhor dentre as opções dadas pelo inquiridor na questão:

Informante 15: Ah, os (inint), os argentinos.

Inquiridor: Você acha que os argentinos são... por que você tem impressão assim que os argentinos falam melhor?



*Informante 15: Não que eles falam melhor, mas assim que **soa meio que na realidade**, que dá mais pra entender né assim porque o espanhol você consegue dar uma rebolada e se sai. (M GI Eb)*

Na fala desse informante não se percebe, como nas anteriores, a comparação entre o espanhol argentino e o paraguaio. O que acontece, no entanto, é uma tentativa de aproximação com o português, língua falada por ele, o que permite que se entendam algumas coisas realizando-se o relacionamento de uma língua “desconhecida” com a língua materna do informante. Essa crença de que as línguas são parecidas e próximas faz com que esse informante escolha o espanhol como a língua mais bem falada e mais fácil de entender.

O informante 24, apesar de, inicialmente, demonstrar que não acha nenhuma língua melhor do que a outra, acaba também declarando que o espanhol argentino é mais fácil de entender:

Informante 24: É complicado identificar isso aí, justamente por não conhecer a língua, não tem como eu saber qual que fala melhor.

Inquiridor: Mas na sua opinião?

Informante 24: Você citou o espanhol também? Não né?

Inquiridor: É o paraguaio e o da Argentina.

*Informante 24: Eu acho que o da Argentina é **mais fácil** de entender, eles **falam mais pausado** também. (F GIII Eb)*

Verifica-se, portanto, nessa questão, a tentativa do informante de não opinar quanto à questão proposta, mas, em seguida, diante da insistência do inquiridor, ela acaba deixando sua opinião aparecer, declarando que o espanhol falado na Argentina é mais fácil de entender e mais pausado, como vários outros informantes também já declararam nas respostas anteriores.

Já na resposta seguinte, o informante busca exemplificar o uso da própria língua para selecioná-la como a melhor:



*Informante 27: O argentino, por exemplo, alguns falam “servijetas”, “servibetas”, tem essa diferença do jota, essa pronúncia. O próprio argentino, dependendo da região, eu acho o argentino, devido até à **descendência europeia deles é melhor.***

A escolha do argentino como melhor língua, nesse caso, se dá pela relação que o informante faz com o espanhol falado na Europa, remetendo ao castelhano, à maneira como é falado na Espanha. O que se pode perceber é uma justificativa que se embasa na crença de que o espanhol falado nos países europeus é o melhor e que o fato de, no Paraguai, por exemplo, haver a interferência do guarani pode tornar o espanhol paraguaio uma língua distante do que o informante considera como o melhor.

O próximo informante que escolheu o espanhol argentino como a melhor língua também demonstra que o considera diferente do espanhol paraguaio e atribui a ele uma característica diferente da apresentada pelos outros informantes:

Informante 32: Melhor? Você fala assim... pra mim?

Inquiridor: É... pra você, de modo geral.

Informante 32: Ah...

Inquiridor: Que você gosta mais ou (inint).

Informante 32: Ai... que eu gosto mais é o... é o castelhano o...

Inquiridor: (inint)

Informante 32: Aham.

Inquiridor: E qual? O castelhano falado pela Argentina ou pelo Paraguai?

Informante 32: Ah, pelo argentino.

Inquiridor: Por quê?

*Informante 32: Ai... sei lá, parece que é **meio cantadinho**, sei lá um... mais ou menos assim, ou coisa parecida, sabe?*

Inquiridor: Mais (inint).

Informante 32: É... sim. (F GIII Ec)



Nessa resposta, percebe-se tentativa do informante de explicar o que faz o espanhol argentino ser mais compreensível e essa característica demonstra que ela também considera o espanhol do Paraguai como mais rápido e talvez mais enrolado do que o falado pelos argentinos.

Novamente em comparação com a língua espanhola falada no Paraguai, o informante 33 declara-se mais receptivo ao espanhol argentino por não haver tanta interferência de outras línguas nele:

*Informante 33: É... eu acho que quem fala melhor de todas é o argentino, porque... ele fala... ele fala uma **língua dele oficial** né?*

Inquiridor: Sim.

Informante 33: E tem por exemplo a língua oficial também no Paraguai que é o castelhano, mas... é isso!

Inquiridor: Aham.

Informante 33: Mas... eles usam, eles usam mais um guarani né, o guarani clássico.

Inquiridor: Certo. (M GIII Ec)

O fato de os argentinos usarem o espanhol, a sua língua oficial, e os paraguaios, além das suas línguas oficiais, o espanhol e o guarani, utilizarem também outras línguas, como o jopará e o portunhol, resultantes de misturas entre duas línguas, faz com que o informante 33 veja a fala dos paraguaios como diferente e a julgue como menos fácil de entender do que a língua falada pelos argentinos, que não sofre essa mistura, de acordo com o informante.

O informante 35 demonstra estar em contato com várias línguas e, pelo que ouve dessas línguas, acredita que o espanhol argentino seja o melhor:

Informante 35: Que pergunta é essa? Explica por favor quê que você quer dizer com quem fala melhor?

Inquiridor: Aqueles que pronunciam a sua língua melhor, que você ouve, pra você soa melhor falantes?

Informante 35: Uma pergunta interessante, porque eu ouço melhor os sons, já que eu não conheço, não falo nenhum desses idiomas, uma pergunta interessante já que é grande a dificuldade pra entender os sons, olha,



incrível (init) uma pergunta interessante, eu, pelo que eu ouço entre os árabes, argentinos, entre os argentinos e os paraguaios, eu escuto melhor o espanhol dos argentinos.

Inquiridor: Dos argentinos?

Informante 35: Exatamente. (F GIII Ec)

Nessa resposta, o informante demonstra pelo menos ter contato com outras línguas para poder escolher qual a melhor. A declaração de que o espanhol argentino é mais fácil de escutar remete à visão repassada nas respostas dos informantes anteriores, de que o espanhol argentino é mais fácil de entender. No entanto, a inserção de outras línguas na resposta demonstra que o informante 35 possui um parâmetro de comparação. Esse fato faz com que sua resposta se diferencie da resposta dos informantes anteriores, que apresentam somente a língua falada no Paraguai como parâmetro de comparação ou simplesmente dizem que o espanhol argentino é fácil de entender, não estabelecendo comparação com nenhuma outra língua.

Por fim, o informante 36 que elencou o espanhol argentino como a melhor língua diz exatamente o contrário do informante 35: ela não tem como comparar qual a língua melhor por não ter conhecimento de outras línguas que poderia considerar como melhor. Mesmo assim, demonstra posicionamento quanto à fala dos argentinos e mostra que tem contato com a língua o suficiente pra demonstrar como ela é falada entre os argentinos:

*Informante 36: Bom, eu vou dizer, pra nós somos os brasileiros, mas os argentinos, eles **falam muito bem**.*

Inquiridor: É.

Informante 36: Muito bem, eu não posso falar dos outros que eu nunca ouvi assim, não frequentei mais aulas de idioma e coisarada, mas os argentinos procuram falar muito bem e os brasileiros infelizmente aqueles que têm cultura falam bem, aqueles que não têm cultura você já viu, né. (F GIII Ec)

Vale ressaltar ainda, dessa fala do informante 36, o uso do termo “cultura” e a relação com o falar bem. Esse informante demonstra ter a crença de que uma pessoa que fala bem é uma pessoa instruída, que tem domínio da forma padrão da língua e que esse



uso demonstra o seu grau de domínio e conhecimento da língua. Ao declarar isso, juntamente com a utilização de “infelizmente”, o informante 36 deixa transparecer uma espécie de rejeição às formas de falar o português que não estejam próximas do considerado como padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão selecionada para análise empreendida neste trabalho, referente a quem fala melhor, o espanhol argentino foi mais citado e predominantemente entre homens, nas faixas etárias mais jovem e mais velha, entre os informantes com nível fundamental e superior de escolaridade. Como justificativa, os informantes que escolheram essa língua a avaliaram como mais bonita pelo jeito de falar do argentino, sua fala mais pausada que torna o entendimento mais fácil, e na fala de um informante a língua até foi considerada como “meio cantadinha”. Os informantes que escolheram o falante de espanhol argentino como o que fala melhor, em geral, apontaram características negativas para o espanhol paraguaio, confrontando um falar ao outro. Para esses informantes, o paraguaio é meio enrolado, mistura muito e fala muito rápido. Por fim, ressalta-se a alusão a uma língua melhor do argentino por se tratar de uma única língua oficial, sem misturas e mais próximo ao espanhol falado na Europa.

De uma forma geral, o fato de o argentino ter sido escolhido como o que fala melhor se baseia na facilidade dos informantes em compreender a língua. Isso se dá especialmente pelo fato de os informantes considerarem que na Argentina o espanhol é falado com menor interferência de outras línguas e, portanto, aproxima-se mais da língua portuguesa, além de, por esse motivo, considerarem que os argentinos falam mais pausadamente do que os paraguaios. Em alguns casos, isso se deu pela relação existente entre o português e o espanhol; outros informantes justificaram a escolha pela baixa ou nenhuma interferência de outras línguas no espanhol argentino, o que possibilita uma compreensão mais acessível da língua, de acordo com alguns informantes.



Ainda é importante ressaltar que a língua falada pelos argentinos é considerada como menos enrolada e mais pausada. Essa relação foi estabelecida principalmente quanto ao espanhol paraguaio, o que permite verificar, também, uma rejeição ao espanhol falado no outro país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, 2008, p. 105-112.

BAZ, Dami Glades Maidana. **Análise dos marcadores conversacionais em Guarani Jopará**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes editores, 2007.

BLANCO CANALES, Ana. **Estúdio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de La Universidad de Alcalá, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística – uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.